

## DIDÁTICAS DA ALFABETIZAÇÃO

ALINE BARBOSA BATISTA<sup>1</sup>; GILCEANE CAETANO PORTO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> UFPEL – [alinebatistasmed@gmail.com](mailto:alinebatistasmed@gmail.com)

<sup>2</sup> UFPEL – [gilceanep@gmail.com](mailto:gilceanep@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta das atividades desenvolvidas como bolsista de educação básica, em um projeto de pesquisa efetivado no contexto do OBEDUC-PACTO (Observatório de Educação/CAPES - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização 1º ao 3º ano). O observatório tem como finalidade acompanhar as repercussões da formação do PNAIC na melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula.

Para fins deste texto, apresento parte do mapeamento bibliográfico das obras que compõem as Didáticas da Alfabetização, de autoria de Esther Grossi, a saber: Didática do Nível pré-silábico (1990), Didática do nível silábico (1990) e Didática do Nível Alfabético (1990). Vale dizer que a autora dessas obras foi fundadora do grupo GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação) e grande divulgadora da teoria da alfabetização construtivista em nosso país.

Com o objetivo de sistematizar suas ideias e organizar os aspectos didáticos que a autora propõe como orientação para professores que trabalham com alunos no nível pré-silábico, surgiu a necessidade de analisar qual seria a contribuição das obras citadas para esse trabalho.

O nível o pré-silábico caracteriza-se pelo fato da criança explorar tanto critérios qualitativos (varia o repertório das letras ou a posição das mesmas, sem alterar a quantidade), quanto os critérios quantitativos (varia a quantidade de letras de uma escrita para outra, sem preocupação com as propriedades sonoras). Para as crianças que estão neste nível, a leitura e a escrita só são possíveis se houver muitas letras (mais de 3 ou 4) e letras diferentes e variadas. A criança ainda não estabelece uma relação entre a fala e as diferentes representações das quais pode fazer uso para escrever o que se diz.

A partir da vivência em sala de aula e a observação de outras práticas na escola, percebendo a diversidade de metodologias, faz-se necessário o estudo sobre a metodologia que teria maior influência no processo de ensino-aprendizagem, o que motivou essa análise documental. Crianças que chegam às classes de alfabetização, no nível pré-silábico, provavelmente possuam pouca experiência com atos de leitura e escrita no âmbito familiar. Portanto, a proposta pedagógica sugerida pelo GEEMPA pode ser entendida como um facilitador no processo inicial da alfabetização e do letramento.

Os dados que seguem referem-se ao mapeamento das atividades existentes no livro que trata do nível pré-silábico, apresentando relações com o quadro de direitos de aprendizagem do PNAIC, no eixo Oralidade. Esse eixo foi o primeiro a ser relacionado com as atividades, pois a alfabetização é um processo em que as crianças aprendem não somente a ler e a escrever, mas também a falar e a escutar em diferentes contextos sociais. A leitura, a escrita, a fala e a escuta representam meios de apropriação de conhecimentos importantes. Também porque reconhecemos que há influências da fala na escrita (FERREIRO

e TEBEROSKY, 1999), especialmente no início da escolarização; por isso, a oralidade torna-se um fator indispensável na elaboração de atividades.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada tem caráter de análise documental bibliográfica (MORAES; GALIAZZI, 2011). As obras Didáticas da Alfabetização foram catalogadas tendo como aporte de registro dados descritivos e interpretativos das atividades didáticas destinadas à organização do trabalho pedagógico em classes de alfabetização.

O trabalho de análise documental, enquanto bolsista de um projeto de pesquisa, tem sido de grande valia para o meu trabalho como alfabetizadora e poderá contribuir com o trabalho de professores iniciantes e em processo de formação continuada. A referida obra foi uma das precursoras no Brasil em apresentar uma proposta didática para a alfabetização, tendo como base teórica a psicogênese da língua escrita (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999).

Foi observada cada sugestão de atividade referente ao trabalho com o nível pré-silábico. As atividades foram tabuladas considerando o objetivo a ser alcançado com as mesmas, as orientações destinadas ao professor e a relação com os direitos de aprendizagem observados no eixo da oralidade, conforme quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Eixo Oralidade

01	Participar de interações orais em sala de aula, questionando, sugerindo, argumentando e respeitando os turnos de fala.
02	Escutar com atenção textos de diferentes gêneros, sobretudo os mais formais, comuns em situações públicas, analisando-os criticamente.
03	Planejar intervenções orais em situações públicas: exposição oral, debate, contação de história.
04	Produzir textos orais de diferentes gêneros, com diferentes propósitos, sobretudo os mais formais comuns em instâncias públicas (debate, entrevista, exposição, notícia, propaganda, relato de experiências orais, dentre outros).
05	Analisar a pertinência e a consistência de textos orais, considerando as finalidades e características dos gêneros.
06	Reconhecer a diversidade linguística, valorizando as diferenças culturais entre variedades regionais, sociais, de faixa etária, de gênero dentre outras.
07	Relacionar fala e escrita, tendo em vista a apropriação do sistema de escrita, as variantes linguísticas e os diferentes gêneros textuais.
08	Valorizar os textos de tradição oral, reconhecendo-os como manifestações culturais.

O processo de organização da análise documental e temática da obra foi sistematizada num quadro (Quadro 2), apresentando os aspectos e conteúdos observados.

Quadro 2: Fragmento do quadro de análise organizado

Direitos de aprendizagem observados\ Eixo Oralidade	Descritores pertinentes	Atividades descritas	Obra e página da atividade		Orientações para o professor	Ampliando o olhar
01-03-06-07	Associar letras a nomes que lhes são significativos. Ter a seu dispor palavras, que façam sentido, pois são conhecidas pelo aluno, para que possa utilizar, copiar ou pesquisar, sempre que precisar.	“O tesouro” (consiste na construção de uma caixa onde o aluno guarda suas palavras conhecidas, um conjunto de palavras).	A	36	Cada aluno deve ter o seu “tesouro”, por tempo suficiente para que possa ir acrescentando palavras, o professor serve de escriba, sempre que o aluno quiser “guardar” uma palavra na caixa.	O professor pode, eventualmente, pedir que cada aluno retire do seu “tesouro” palavras que comecem com determinada letra. Antes de propor o “Tesouro” de cada aluno pode-se propor o “Tesouro” da turma, que vai sendo enriquecido toda vez que uma palavra se torna importante para eles.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a pesquisa realizada pelo GEEMPA e descrita por Esther Pillar Grossi, dois fatos levam a acreditar que o motivo do fracasso do aluno é a inadequação da proposta escolar que acaba produzindo o estigma de incapacidade, que é assumida pelo aluno, e a ausência de experiências com materiais de leitura e escrita. Tais fatores causam, muitas vezes, a sensação de incapacidade de aprendizagem que só poderá ser eliminada pela experiência concreta de sucesso por meio da reorganização das práticas de ensino.

Para isso, a obra didática do nível pré-silábico sugere criar um ambiente rico em materiais e atos de leitura e de escrita. Nessa experiência com os materiais escritos, não há seleção ou ordenação de letras ou palavras para vivenciar. Ao contrário, as crianças interagem com todas as letras e com qualquer palavra, fundamentalmente porque assim se vivencia a cultura escrita.

As atividades didáticas desse nível são concebidas com a finalidade de levar os alunos a questionarem suas hipóteses, pensando no avanço dos mesmos para o próximo nível.

Na obra analisada constam atividades que estão embasadas na teoria construtivista e que contribuem em muito com a aquisição do sistema de escrita alfabética, despertando a curiosidade e estimulando o contato com diferentes formas de escrita e leitura.

Segundo o caderno de formação do PNAIC número cinco (BRASIL, 2015), que trata sobre o eixo oralidade, é imprescindível trabalhar com textos da tradição oral em função de suas inter-relações entre oralidade e escrita, pois compõem gêneros orais primários de valor significativo para as crianças. Ao mesmo tempo, textos orais oferecem recursos ricos e múltiplos para a reflexão sobre a escrita alfabética. Para isso, sugere trabalhar com parlendas, quadrinhas e trava-línguas que, por trazerem características como o ritmo, as repetições, a versificação e diversas sonoridades, e por serem facilmente memorizados, são textos que favorecem a reflexão fonológica e fonográfica.

Prestar atenção aos sons que se repetem em um trava-língua, por exemplo, significa prestar atenção, inclusive, aos fonemas orais e consonantais, de modo contextualizado. Além disso, usando todos os conhecimentos que têm sobre relações entre unidades sonoras e gráficas, os aprendizes podem reconhecer palavras escritas, versos, partes do texto, sem ainda saberem ler.

Várias das atividades presentes na obra mapeada sugerem trabalhar com textos conhecidos pelos alunos como músicas, reprodução de diálogos de brincadeiras realizadas por eles, transcrição de histórias, depoimentos gravados dos alunos e o uso de palavras que façam sentido a cada um deles. Um exemplo é a atividade apresentada como fragmento do mapeamento feito, com base na obra “O tesouro”, que consiste em construir com os alunos uma caixa onde cada um deles guardará suas palavras conhecidas, formando um conjunto de palavras com as quais se sinta familiarizado. Assim, poderá associar letras aos nomes que lhes são significativos, podendo utilizar, copiar ou pesquisar, sempre que precisar. Para isso, o aluno deverá verbalizar ao professor as palavras que gostaria de guardar no seu “tesouro” para que o mesmo sirva de escriba. É neste processo que, segundo GROSSI (1990, 1v), nos aproximamos do ideal de significação. Um dos grandes trilhos em que o nível pré-silábico caminha é o da compreensão ampla da vinculação do discurso oral com o texto escrito.

#### 4. CONCLUSÕES

Os dados do GEEMPA revelaram que 90% dos alunos, que até o momento haviam sido alfabetizados pelo grupo, chegaram à escola no nível pré-silábico. Inclusive alguns desses alunos estavam repetindo a série; portanto, não poderiam iniciar o processo de aquisição do sistema de escrita alfabética pelos métodos habituais de alfabetização.

Sendo assim, a escolha das atividades apresentadas na obra parte do pressuposto de que o aluno necessita de uma didática rica e variada, baseada na ausência de análises pautadas pelo método silábico. As palavras são analisadas de outros pontos de vista que possibilitam aos alunos reflexão, por exemplo, sobre elementos que constituem a palavra, como contando o número de letras, identificando as letras que começam e terminam as palavras, observando a ordem das letras no interior das mesmas, analisando seus tamanhos e posições, entre outros elementos.

Neste processo, a memorização de como se escrevem algumas palavras, mesmo que os alunos não compreendam ainda o mecanismo de vinculação com a pronúncia das suas partes, vai ser fonte de conflito quando os alunos estiverem silábicos e isso enriquece o processo.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Caderno 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2015.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GROSSI, E. P. **Didática da Alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 1v.
- GROSSI, E. P. **Didática da Alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 2v.
- GROSSI, E. P. **Didática da Alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 3v.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2011.